

ASSUNTA SPINA / 1915

um filme de Gustavo Serena

Realização: Gustavo Serena (e, não creditada, Francesca Bertini) / **Argumento:** Gustavo Serena, Francesca Bertini, segundo o drama homónimo de Salvatore Di Giacomo / **Fotografia:** Alberto Carta / **Cenários:** Alfredo Manzi / **Intérpretes:** Francesca Bertini (Assunta Spina), Gustavo Serena (Michele Boccadifuoco), Carlo Benetti (Don Federigo Funelli), Alberto Albertini (Raffaele), António Cruicchi (pai de Assunta), Amélia Cipriani (Peppina), Alberto Collo (um guarda).

Produção: Caesar, Roma / **Cópia:** da Cinemateca de Bolonha, DCP, preto e branco com tintagens, muda, com música baseada na tradição napolitana da autoria de Guido Sodo e François Laurent, intertítulos em italiano e legendagem electrónica em português, 61 minutos / **Estreia Mundial:** 28 de Novembro de 1915 / Inédito comercialmente em Portugal. Apresentado na Cinemateca Portuguesa no Ciclo "100 Dias, 100 Filmes", em 21 de Abril de 1994.

Francesca Bertini foi a primeira grande diva do cinema italiano, e a maior de todas num tempo bem recheado delas (Lyda Borelli, Pina Menichelli, Hesperia, Itália Almirante Manzini, etc, etc) que António Ferro evocou numa famosa conferência com um texto a que deu o título de "As Grandes Trágicas do Silêncio". **Assunta Spina**, é o mais famoso, e hoje o mais conhecido dos seus filmes. A sua história teve várias versões, sendo a terceira, feita em 1947, interpretada por Magnani. A movimentação de Bertini neste filme, a sua gestualidade mais realista, sem a ênfase típica das produções mudas do tempo, anuncia o tipo de representação em que Magnani se distinguirá.

Assunta Spina é também um filme "chave" na história do cinema italiano, e um dos mais importantes do tempo do mudo. O filme de Gustavo Serena é considerado, ao lado de **Sperduti nel Buio**, de Nino Martoglio (1914), como o antepassado do "neo-realismo". A comparação não é despropositada, e não apenas pela captação de imagens em exteriores (praticamente quase todo o filme foi feito em locais reais, sem recurso a estúdio, seja a sala do tribunal, ou os interiores das casas, mas destacando-se, principalmente, a captação dos exteriores, as ruas estreitas, a baía e o porto de Nápoles, um certo pitoresco de uma cidade que hoje nos surge perdida no tempo), a utilização de não profissionais como figurantes (os soldados na chegada do comboio, os convivas na festa de Assunta e Michele, as presenças no julgamento, etc), mas inclusive na faceta melodramática da história, eminentemente popular. As personagens e situações de **Assunta Spina** encontram-se em quase todos os filmes chamados "neo-realistas" do pós-segunda guerra (como a nova adaptação ao cinema da peça de Salvatore DiGiacomo, grande sucesso desde a sua chegada ao palco em 1909), e da

comédia popular que se lhe seguiu. Deste ponto de vista, **Assunta Spina** não perdeu ainda hoje quase nada da sua originalidade e a representação de Bertini alcança o “realismo” e a contenção dramática com que Eleonora Duse nos assombrou na sua única incursão no cinema em **Cenere** (1916). Francesca Bertini estava já familiarizada com a personagem, dado que antes de se estrear no cinema, em 1910 em **Il Trovatore**, de Louis Gasnier, inspirado na ópera de Verdi (antes fizera apenas um pequeno filme com amigos, **La Dea del Mare**, de 150 metros, em 1908), ela participara, como secundária, na encenação teatral onde Assunta era interpretada pela famosa atriz napolitana Adelina Magnetti. A paixão de Bertini pelo papel levou-a inclusive a influir na realização do filme. O próprio Gustavo Serena (popular realizador e actor do tempo) o reconheceu, destacando o muito que lhe foi devido na construção da personagem cinematográfica.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico